

#### Seminário 4

##### **a) Demóstenes – IVª Filípica, 46-56**

Este estado de coisas, esta crise em que vivemos, provém de numerosas e antigas causas. Se estais dispostos a ouvir-me, estou pronto a falar-vos. Abandonastes, atenienses, o princípio fundamental que nossos antepassados vos haviam legado. Manter, na Grécia, o primeiro lugar, manter um exército pronto para socorrer todos aqueles que fossem ofendidos; isto vos foi apresentado pelos homens que vos conduzem como uma tarefa penosa e supérflua, que custa caro inutilmente. E, ao contrário, viver em repouso, nada fazer do que se impõe, tudo abandonar pouco a pouco e deixar que os outros de tudo se apoderem, eis, a vossos olhos, a condição de uma prosperidade maravilhosa e de uma plena segurança. Em consequência, um outro (Filipe), substituindo-vos no papel que vos pertencia, tornou-se, ele, próspero e poderoso e se garantiu um vasto domínio. Nada mais natural. Pois esta primazia gloriosa, cheia de grandeza e de brilho, e que, desde sempre, as repúblicas mais poderosas tinham disputado, depois que a fortuna traiu os lacedemônios, quando os tebanos estavam preocupados com a guerra da Fócida, então, como seqüela de nossa própria indiferença, ele a encontrou desprotegida e só fez abocanhá-la. Foi assim que ele pôde, além disso, tornar-se temível diante dos demais, articular numerosos aliados, um poderio considerável, enquanto que todos os gregos se encontram imersos, hoje em dia, em tantas dificuldades, tão graves que não se sabe, de fato, o que recomendar. Mas se todos os gregos têm atualmente, como creio, muitos motivos de temor, somos nós, atenienses, que dentre todos corremos o maior perigo, não somente porque é a nós que Filipe mais odeia, mas também porque somos, dentre todos, os mais inertes. Pois se a visão dos víveres reunidos aqui, da abundância que reina em nosso mercado, encanta-vos a ponto de vos fazer crer que nada ameaça nossa cidade, eis aí um erro indigno de vós. Se se tratasse de um mercado ou de uma feira, poder-se-ia avaliar a sua importância segundo tais critérios. Mas uma cidade que todo ambicioso, ávido de dominar a Grécia, sempre esperou ver e levantar-se sozinha contra seus desígnios e servir de muralha à liberdade de todos, certamente não é conforme a abundância de víveres que deve ser avaliada, mas conforme os aliados em cuja lealdade ela pode confiar e as armas que fazem sua força. Isso é o que deve ser considerado para a nossa cidade. Ora, tudo isso, entre nós, vacila e se encontra aquém do necessário. Olhai ao vosso redor para confirmar. Quando foi mais tumultuada a situação na Grécia? Quem poderia dizer que já houve outro momento mais agitado? Desde há muito, com efeito, a Grécia se partilhava entre duas potências dominantes, a dos lacedemônios e a nossa. O restante das cidades obedecia, umas a nós, outras a eles. Quanto ao rei, quando se isolava, todos igualmente o desafiavam, mas ele, aliando-se aos que, na guerra, estavam por baixo, conservava a sua confiança até que se restabelecesse o equilíbrio em seu proveito (...) Em seguida, veem-se surgir em todas as partes pretensões à hegemonia. Todos ambicionavam a primazia e, todavia, a ela renunciavam de fato, alimentam ciúmes e se desafiam uns aos outros, mas não àqueles a quem deveriam

desafiar. Todos permanecem assim isolados, argivos, tebanos, lacedemônios, coríntios, arcádios, nós mesmos. Ora, embora a Grécia esteja partilhada pela política em tantas frações e estados soberanos, em lugar algum – se é preciso dizer a verdade – não se encontrariam um conselho de governo nem um local de deliberações de que estejam por hábito tão ausentes os assuntos comuns. E isso é natural, pois não há ninguém que, por amizade, confiança ou medo, venha entreter-se conosco. O mal, atenienses, não reside em uma só causa – seria fácil, então, corrigi-la – mas provém de muitas faltas, de toda a espécie, que há muito tempo vêm-se produzindo. Sem querer lembrar a todas, quero assinalar apenas uma, aliás, a causa que é a primeira de todas as demais (...) Todas as vezes que se apresentou uma ocasião, nossos interesses foram vendidos. Vós gozastes, por outro lado, da ausência de preocupações e da tranquilidade e tanto vos deixastes encantar que não quereis mal aos culpados. Outros, que não vós, receberam o salário.

***b) Demóstenes - Contra Aristócrates, 206-209***

Outrora, a cidade era rica, era magnífica. Digo a cidade, pois, entre os particulares, ninguém se elevava por cima da massa. E apresento-vos a prova: se um dentre vós, acaso, sabe onde se encontra a residência de Temístocles, a de Milcíades, a dos gloriosos homens da época, vê que elas não são em nada mais importantes do que as da gente do povo; mas quanto aos edifícios da cidade, os trabalhos públicos eram na época de uma tal grandeza e de uma tal qualidade que não há qualquer possibilidade de as gerações posteriores os ultrapassarem; vede os Propileus, as galerias dos navios, os pórticos, o Pireu e todos os edifícios que guarnecem a cidade. Hoje, todos os profissionais da vida pública têm, em privado, tal abundância de bens que mandam, por vezes, construir casas particulares mais imponentes do que muitos edifícios públicos; alguns compraram mais terras que aquelas que vós todos, do tribunal, possuíis. Quanto ao que construís e adornais para o domínio público, como isso é pequeno, como é mesquinho, e que vergonha de dizer! (...) Hoje, os administradores dos bens públicos, da mendicidade, passaram à opulência, têm com que viver na abundância e durante muito tempo, mas vós, vós não tendes no tesouro com o que pagar um só dia de campanha e, se for necessário fazer qualquer coisa, não tendes meios para tal. É que outrora o povo era o senhor dos homens políticos, hoje ele é seu servidor.